

Dívida Externa

Milliet: Brasil enfrentará o desafio dos credores

SÃO PAULO — Se os bancos credores decidirem endurecer suas posições com relação à negociação da dívida externa brasileira, o Brasil estará disposto a enfrentar o desafio. A proposta feita pelo Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, — que inclui o **spread** zero e a incorporação de parte do deságio dos títulos da dívida pelo Brasil — será mantida no fim deste mês, quando nova missão irá aos Estados Unidos, para uma rodada de negociação preparatória para o grande encontro de setembro, quando se espera que se chegue a um acordo.

Na missão deste mês, o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, não estará presente. Segundo ele, não há necessidade que se afaste dos problemas nacionais nessa fase das negociações.

O fato de os bancos credores estarem próximos a uma nova reserva compulsória para cobrir os riscos da dívida brasileira, em outubro, não enfraquece a posição devedora do Brasil.

Tanto o Ministro Bresser Pereira, como o Presidente do Banco Central,

são contrários a uma posição que leve a um impasse, que poderia gerar uma crise de proporções incalculáveis.

— Isso não é bom para ninguém — afirma Milliet.

Apesar do superávit recorde na balança comercial de julho e da intenção manifestada no Plano Macroeconômico e reafirmada pelo Ministro Bresser Pereira, de o Brasil manter saldo comercial anual em torno dos US\$ 10 bilhões anuais, o Governo pretende insistir na sua proposta, que considera aceitável pelos credores.

— Hoje, a única saída é a de que as economias cresçam. Por isso, vamos tentar o acordo sem ir ao Fundo Monetário Internacional, que, na verdade, não tem tanto poder. O que ocorre é que todos os contratos estão amarrados a ele. Está na hora de encarar a realidade — afirma o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet.

Na verdade, diz Milliet, nenhum economista, nem autoridade de nenhum país conseguirá se manter dentro de um programa previamente

detalhado de política econômica.

— Na minha visita aos Estados Unidos eu disse isso a todos eles, e até as autoridades financeiras americanas tiveram de concordar. Nem eles conseguiram obedecer os rígidos controles do FMI: fazer um plano a cada trimestre ou semestre que fosse e segui-lo rigidamente — revelou Milliet.

Agora, o momento é de conquistar credibilidade. Milliet acha mais preocupante a luta pela conquista de compreensão, internamente, que se estabeleça na sociedade critérios para se avaliar a oportunidade e os desafios do Brasil, hoje.

Afinal, o fato de os bancos serem forçados a uma nova reserva deixa o Brasil em uma posição menos vulnerável. Porque os credores não querem que o preço da dívida caia ainda mais no mercado internacional e suas ações baixem novamente.

Em setembro, além da rodada de negociações, que pode ser decisiva, haverá reunião, também, no FMI. Essa última poderá mudar a estrutura do Fundo, é o que esperamos negociadores brasileiros.